

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Colegas de Corte cobrarão coerência de Nunes Marques

Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) por indicação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Kassio Nunes Marques é o atual presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ele viverá, durante as eleições de outubro, sua prova de fogo junto aos colegas da cúpula do Judiciário.

A pergunta que corre solta nos bastidores da Justiça em Brasília é se Nunes Marques terá isenção, como presidente do TSE, para enfrentar os choques que os bolsonaristas se preparam para impor ao arcabouço de regras da Justiça eleitoral.

Afinal, ele foi o relator mais recente do conjunto de normas que estão regulando o processo eleitoral deste ano. E o clã Bolsonaro já começou por colocar em xeque um texto fundamental desse conjunto de regras: a resolução 23.732 do TSE, com inovações normativas relativas sobre oo uso da Inteligência Artificial na propaganda e no processo eleitoral do Brasil.

Essa resolução do TSE proíbe o uso de IA “para criar, substituir ou alterar imagem ou voz de pessoas vivas” (deep fakes), tanto faz se para prejudicar ou para favorecer o candidato. Ou seja, a resolução não permite a apresentação de um vídeo como o que foi exposto na convenção do PL reproduzindo imagem e voz semelhante às do ex-presidente, que está preso, em defesa da candidatura ao Palácio do Planalto do próprio filho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Em seu discurso de posse, Nunes Marques parecia antever a encrenca: “Tere-

mos alguns desafios, como, por exemplo, o uso exponencial da Inteligência Artificial, que, embora também tenha potencial benéfico, poderá trazer problemas, principalmente em casos de utilização inadequada.”

Segundo ele, será preciso “estar atentos às novas tecnologias que, quando mal utilizadas, podem representar ameaças ao nosso processo democrático”. Ele disse textualmente: “Refiro-me, especial e novamente, ao perigo potencial do uso desordenado das ferramentas de Inteligência Artificial. [...] Vivemos em uma era em que as campanhas eleitorais não chegam às urnas sem antes atravessar algoritmos, em que a disputa política já não se desenvolve apenas nas ruas e nos espaços tradicionais da vida pública, mas também, de maneira intensa, no ambiente digital.”

Outra questão que os bolsonaristas já começam a levantar é quanto à validade das urnas eletrônicas. Flávio Bolsonaro declarou em encontro com diplomatas, que há urnas da Venezuela que estariam sendo usadas no Brasil – o que foi desmentido pelo TSE.

Na sua posse como presidente da Corte, Nunes Marques foi claro: “O sistema eletrônico de votação brasileiro constitui um patrimônio institucional da nossa democracia. [...] No tocante à recepção, à apuração e à divulgação dos votos, nosso sistema é o mais avançado do mundo. [...] Cabe à Justiça Eleitoral preservar, aperfeiçoar e fortalecer continuamente a confiança pública em torno do sistema eletrônico.”

Agora seus colegas das cortes superiores querem saber se ele reafirmará o discurso de posse quando for confrontado por aqueles que viabilizaram sua posse como presidente do TSE.

PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

PL escolhe Aro para bater com Mateus

As convenções começaram e escancararam a triste situação política do Brasil de hoje. Não temos lideranças naturais. Os partidos não conseguem articular nem mesmo uma chapa completa. Vão lançando candidatos na expectativa de conseguirem compor suas chapas mais à frente a custos de que negociação não sabe. Dos presidenciáveis apenas Lula tem um vice definido. O restante negocia sem conseguir acertos. Mas apesar de triste, esta não foi a maior realidade que constatamos nos últimos dias de nossa política. O que se vislumbra é um país radicalizado, sem rumo, que vai perdendo o respeito internacional.

O discurso do presidente argentino Javier Milei, na convenção do PL que oficializou a candidatura de Flávio Bolsonaro é o maior exemplo do que a falta de lideranças políticas causa a um país. Milei desrespeitou a todos nós num discurso adredemente preparado que, mesmo desrespeitoso com o país, ainda foi aplaudido pelo público. Na verdade, o discurso do presidente argentino — diga-se de baixo

nível — nada mais é do que a sequência das agressões que o país vem sofrendo do presidente americano, Donald Trump que age assim aproveitando-se do clima de radicalização política que divide o país a fragiliza o governo. É preciso que os políticos (?) entendam isso.

A disputa tem um limite e este limite são os interesses do país, sua soberania. A campanha está apenas começando e ainda dá tempo de corrigir seus rumos. Na disputa presidencial o quadro parece mais definido e as pesquisa apontam para um segundo turno entre Lula e Flávio Bolsonaro. Caiado, Zema e a surpresa, Renan Santos não conseguem superar a barreira dos cinco pontos e ainda tentam articulações partidárias para conseguir um vice.

Em Minas a indefinição é total. Nenhum dos candidatos tem chapa completa o que dificulta até mesmo a montagem dos palanques presidenciais. Candidato era só o governador Mateus Simões, apesar de seu ex-colega de governo Marcelo Aro tentar uma jogada para bater de frente com Mateus. O PL e suas coligações acertou com Marcelo Aro. O Republicano já fez sua convenção no último sábado, mas o nome que assusta por liderar todas as pesquisas, Cleitinho, nem apareceu no encontro. O PT escolheu Patrus Ananias, o MDB o ex-presidente Gabriel Azevedo e o PDT o ex-prefeito Alexandre Kalil.

EDITORIAL

Depois da UE, Mercosul mira Tigres Asiáticos

A possível assinatura de um acordo comercial entre o Mercosul e a Coreia do Sul representa uma das mais importantes iniciativas de integração econômica dos últimos anos. Em um cenário marcado pela crescente competição internacional e pela reorganização das cadeias globais de produção, ampliar mercados e fortalecer relações comerciais é uma necessidade estratégica. No entanto, embora o acordo ofereça oportunidades significativas, também desperta preocupações legítimas que não podem ser ignoradas.

Entre os principais pontos positivos está a expansão do acesso a um dos mercados mais desenvolvidos da Ásia. A Coreia do Sul possui elevado poder de compra e forte demanda por alimentos, produtos agrícolas e matérias-primas, setores nos quais os países do Mercosul apresentam grande competitividade. A redução de tarifas pode impulsionar as exportações, aumentar a entrada de divisas, estimular investimentos e gerar empregos, especialmente no agronegócio e na indústria de transformação voltada à exportação.

Outro benefício importante é a possibilidade de atrair empresas sul-coreanas interessadas em investir na região. A presença de multinacionais pode favorecer a transferência de tecnologia, a modernização de processos produtivos e o fortalecimento da infraestrutura industrial. Além disso, acordos comerciais tendem a ampliar a previsibilidade para investidores e a integrar o Mercosul às cadeias globais de valor.

Entretanto, os desafios são igualmente relevantes. A indústria sul-coreana é reconhecida por sua elevada produtividade e competitividade em setores como automóveis, eletrônicos, máquinas e equipamentos. A abertura comercial, caso não seja acompanhada de mecanismos de adaptação e políticas de fortalecimento industrial, pode ampliar a concorrência sobre empresas do Mercosul, sobretudo aquelas com menor capacidade tecnológica. O risco é a perda de participação da indústria regional, com impactos sobre o emprego e a produção nacional.

Também é necessário considerar as diferenças estruturais entre as economias envolvidas. Enquanto a Coreia do Sul consolidou um modelo baseado em inovação, pesquisa e desenvolvimento, muitos setores industriais do Mercosul ainda enfrentam dificuldades relacionadas à baixa produtividade, elevada carga tributária e deficiências logísticas. Sem investimentos em competitividade, o acordo poderá beneficiar de forma desigual os parceiros.

Diante desse cenário, o debate não deve se limitar à dicotomia entre abrir ou fechar mercados. O verdadeiro desafio consiste em negociar condições equilibradas, estabelecer períodos de transição para os setores mais vulneráveis e promover políticas que aumentem a competitividade da indústria regional. Um acordo comercial bem estruturado pode representar uma oportunidade histórica de crescimento, desde que seja acompanhado de planejamento, investimentos e compromisso com o desenvolvimento sustentável. O sucesso da parceria dependerá menos da assinatura do tratado e mais da capacidade dos países do Mercosul de transformar abertura econômica em progresso compartilhado.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal